

O caso das relativas do Português e do Árabe: Um estudo sobre ensino da Língua Árabe

The case of Portuguese and Arabic relatives: A study on Arabic Language Teaching

Matheus Magalhães Moreira¹
Bianca Graziela Souza Gomes da Silva²

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 28/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

Resumo:

Neste artigo, serão apresentadas as estratégias de relativização do português, em um contraste entre a tradição e as estruturas nela não contempladas; e a relativa do árabe, para a investigação sobre como realizar a compensação entre a construção relativa árabe e uma estratégia de relativização do PB, a saber, a estratégia copiadora, na busca de se refletir sobre o ensino da língua árabe no que diz respeito à tradução de estruturas desse idioma para o português. A partir da compreensão de que a oração relativa padrão do árabe é similar a uma forma não padrão de relativa no português, pretendemos observar se os estudantes tendem a traduzir de um idioma para outro com influência da língua alvo, ou seja, se ao traduzir do árabe para o português, os estudantes brasileiros de árabe marcam a cópia da relativa árabe na forma final da relativa do português, gerando uma estratégia copiadora. Assim, qual seria a questão: (1) a influência do árabe no português, demonstrada na tradução literal da língua estrangeira para a materna, ou (2) a influência do português, no uso de formas relativas não padrão comuns aos estudantes? Realizamos testes de tradução que apontaram a utilização da relativa não padrão menos produtiva no português, indicando poder se tratar de influência da cópia da relativa árabe.

Palavras-chaves: relativas; tradução; língua árabe

Abstract:

In this article, the strategies for relativizing Portuguese will be presented, in a contrast between the grammatical tradition and the structures not included in it; and the relative of Arabic, for the investigation on how to make the compensation between the relative Arab construction and a strategy of relativization of the BP, namely, the copying strategy, in the search to reflect on the teaching of the Arabic language with regard to translation of structures from that language into Portuguese. Based on the understanding that the standard relative sentence in Arabic is similar to a non-standard form of relative in Portuguese, we intend to observe whether students tend to translate from one language to another with influence on the target language, that is, if translating from Arabic to Portuguese, Brazilian Arabic students mark the copy of the Arabic relative in the final form of the Portuguese relative, generating a copying strategy. So, what would be the question: (1) the influence of Arabic in Portuguese, demonstrated in the literal translation of the foreign language into the native language, or (2) the influence of Portuguese, in the use of non-standard relative forms common to students? We carried out translation tests that indicated the use of the less productive relative non-standard in Portuguese, indicating that it may be influenced by the copy of the relative Arabic.

Keywords: Relative; Translation; Arabic Language

¹ Aluno do Curso Bacharel em Letras Português-Árabes da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: matheushoutsu@hotmail.com.

² Professora de Árabe no Setor de Estudos Árabes do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: biancagraziela@letras.ufrj.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1734-2520>

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

Introdução

Este artigo é resultado do trabalho desenvolvido na modalidade de Iniciação Científica (IC), com financiamento concedido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC – UFRJ, no período de setembro de 2019 a maio de 2020. A pesquisa em questão tem como título Aspectos sintáticos do português e do árabe: refletindo para traduzir e este trabalho apresenta uma comparação entre as estratégias de relativização do português, segundo a gramática tradicional e estudos recentes, e as construções relativas da Língua Árabe, principalmente, no que diz respeito a relativa copiadora. O objetivo é refletir sobre os desafios impostos na tradução dessa língua para o português e, também, dar à luz a estudos da língua árabe, a fim de contemplar estudantes brasileiros nas dificuldades geradas com o ensino desta língua.

A construção relativa do árabe é um desafio no processo de ensino-aprendizagem desse idioma por apresentar semelhanças e divergências com as construções relativas do português, alvo de muitos estudos recentes, uma vez que, atestou-se que, na oralidade, e também na modalidade escrita (SILVA, 2005, 2011), há duas estruturas de relativização que concorrem com a forma eleita a padrão, segundo a prescrição da gramática tradicional. Dessa forma, percebemos que, ao se estudar a oração relativa árabe, os estudantes, na tradução do árabe para o português, podem ser influenciados pela:

- (1) língua materna, na reprodução de uma estrutura relativa que é considerada comum aos falantes em geral, a estratégia cortadora (SILVA, 2005; BISPO, 2009);
- (2) língua materna, na reprodução de uma estrutura relativa considerada ainda estigmatizada, porém já muito comum na fala dos brasileiros, a estratégia copiadora;
- (3) língua árabe, realizando uma tradução literal do árabe para o português de uma estrutura de cópia, comum e gramatical na oração relativa desse idioma.

Foram realizados alguns testes de tradução para verificação de como o estudante de árabe como língua estrangeira percebia a relativa do árabe e, ainda que se tratasse de atividades formais, com entrega combinada entre alunos e professor, identificamos nas

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

traduções construções relativas não padrão cuja análise geraram este trabalho assim como a continuação da pesquisa mencionada.

A partir da apresentação de (07) sete frases de exercícios do livro didático aos estudantes do árabe, propôs-se uma atividade de preenchimento de lacunas e, posterior, tradução das frases, a fim de se observar como os estudantes se comportariam. A atividade foi apresentada durante a aula de língua árabe, para os estudantes do sexto período de Graduação em Letras Português-Árabe. O conteúdo da aula era “Pronomes Relativos” e o exercício apresentava várias sentenças, porém, foram destacadas apenas as que atendiam como explicação do fenômeno apontado, uma vez que, em muitos casos, os estudantes não conseguiram construir a estrutura relativa correspondente à tradução para o português ou, em outras situações, a frase árabe não apresentava a cópia, já que se tratava de relativo com função de sujeito, correspondendo ao termo antecedente³. Algumas dessas traduções serão apresentadas na seção 3, assim como uma comparação entre as relativas do árabe e do português; e, nas seções 1 e 2 apresentaremos, respectivamente, uma breve menção aos estudos árabes e uma discussão sobre as estruturas relativas na tradição e em estudos linguísticos.

1. Considerações sobre o Estudo do Árabe

Os estudos acerca da língua árabe têm um papel fundamental, já que, através deles, podemos dispor à sociedade a existência de todo o trabalho desenvolvido arduamente sobre essa língua, não muito difundida no Brasil, com carência de aprofundamento de pesquisa e ensino. Essa comparação que propomos pode corroborar os estudos árabes, pois, trata-se de um tema pouco debatido, mas de grande abrangência para o entendimento da estrutura da língua, ainda mais pela comparação com o português, podendo auxiliar em estratégias de ensino do árabe.

Entretanto, existem muitos “embates” no que se diz respeito aos estudos da língua árabe. O primeiro deles, consideramos, é o fato de que há apenas duas universidades no

³ Neste caso do árabe, ou seja, quando o sujeito da oração relativa corresponde ao referente do relativo na oração principal, a gramática árabe não prescreve o uso da cópia; como aponta Cowan (2007; p. 79): *Se o sujeito de uma oração subordinada de relativo é distinto do nome ou do pronome a que se refere, há de se remeter de novo ao relativo por meio de um pronome pessoal.*

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

Brasil que ofertam a língua árabe como graduação, em curso de Letras, a saber: a Universidade de São Paulo, a USP e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ.

O curso de Bacharelado em Letras com habilitação em Árabe da Universidade de São Paulo é oferecido pelo Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). Os alunos de graduação podem optar pela habilitação em língua estrangeira ao final do primeiro ano básico durante o qual cursam disciplinas introdutórias. A habilitação em árabe tem duração total de 8 semestres e pode ser acompanhada pelo bacharelado em português a critério do graduando.

A Faculdade de Letras da UFRJ oferece, na graduação, os cursos de Bacharelado e Licenciatura Português-Árabe. A entrada para os cursos é anual e sua duração é de 8 semestres. Como extensão, há o curso de Árabe do CLAC – Curso de Línguas Abertas à Comunidade – que é provido pelo Setor de Estudos Árabes do Departamento de Letras Orientais e Eslavas. Contudo, o CLAC-Árabe torna-se um grande desafio para o Setor, sendo a principal atividade de extensão, com o objetivo de orientar alunos para o desenvolvimento de pesquisas (estudos árabes), na área do ensino da língua árabe, as quais sofrem com a falta de professores orientadores que possam trabalhar de forma integral no projeto.

Existem, ainda, outros problemas que geram entraves para o ensino do árabe no Brasil: a falta de material didático em língua portuguesa que acaba sendo uma barreira para os alunos. Os materiais usados, em sua grande maioria, são encontrados em francês ou inglês, principalmente, como os próprios livros adotados pelo curso de árabe da Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ e da USP. No artigo *Problemas de aprendizagem na Língua Árabe: um estudo de tendências*, as autoras Silva & Prado (2018) investigaram questões que podem gerar problemas ou dificuldades na aquisição da língua, como comentam:

Ao longo de muitos anos, vêm-se discutindo as inúmeras estratégias para consolidação do ensino de línguas estrangeiras e, no que diz respeito à língua árabe, o desafio dessa prática sempre parecia ser superior às ferramentas propostas e discutidas nesse campo de pesquisa. Assim, tem se pensado como as várias estratégias já estabelecidas podem ser aproveitadas no ensino do árabe, levando-se em consideração os problemas na aprendizagem desse idioma tão distante do português. (SILVA & PRADO, 2018, p. 105).

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

Um dos problemas mais comuns apontado por elas é o estranhamento inicial em relação aos sons e grafemas da língua, as características diferentes como a escrita da direita para a esquerda e o estilo cursivo sem a presença de letras de forma, maiúsculas, ou divisão de sílaba. Muitas vezes, os estudantes interpretam as letras árabes como desenhos ou rabiscos, e há confusão em relação ao formato diferencial que as letras podem adotar na palavra em relação a posição, inicial, medial e final; sem contar a falta de correspondência de sons específicos da língua com o inglês, português ou alguma outra língua latina. Como sistematizou Teixeira (2006):

a escrita árabe efetua-se da direita para a esquerda, e seu alfabeto é composto de 28 letras, que não apresentam oposição entre maiúscula e minúscula, nem entre letras manuscritas e mecanográficas. A maioria delas (vinte e duas) se liga entre si num estilo cursivo, que: “caracteriza-se por as letras serem encadeadas e existirem ligaduras entre elas” apresentando, assim, de duas a quatro formas, conforme estejam ligadas à letra anterior, à posterior, ou estejam isoladas. (Teixeira, 2006, p. 29-30)

E ainda se pode observar, de certa forma, a falta de infraestrutura para o ensino da língua, como laboratórios equipados para suprir as necessidades dos alunos. Todos esses problemas aumentam e distanciam os alunos do estudo mais aprofundado do árabe.

Na atual conjuntura, principalmente, faz-se necessário refletir sobre o ensino do árabe de forma remota. No momento em que as instituições de modo geral estão se adequando à necessidade pontual de ensino remoto por conta da pandemia e do isolamento social que impedem a prática da aula presencial, problemas como materiais didáticos para ensino do árabe parecem se agravar gerando a necessidade de que professores e alunos, em cooperação, encontrem caminhos para alcançar os objetivos do ensino-aprendizagem desse idioma. Por exemplo, Silva & Prado (2018, p.108) discutem as dificuldades em trabalhar com os alunos os sons da língua árabe, considerando a necessidade de tempo e esforço para uma reprodução adequada, “principalmente quando não há nenhum parâmetro como exemplo”. Muitos fonemas árabes não encontram representação no português e sobre as dificuldades que essas questões podem gerar, as autoras salientam que:

Essa questão ainda se agrava em virtude da falta de recursos midiáticos que tenham o árabe como fonte, como músicas, filmes etc. (muito comuns em inglês, espanhol, francês e outras línguas latinas), dificultando o

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

processo de aprendizagem por mecanismos sociais, fora da sala de aula. Os materiais existentes na internet são limitados, já que muitos, quando são para fins de ensino, estão transliterados (na tentativa de 'facilitar' o aprendizado dos falantes não-nativos), o que ocasiona, posteriormente, uma assimilação comprometida dos fonemas. (SILVA & PRADO, 2018, p.108).

Quando se pensa em uso de recursos para ensino remoto, como a sala de aula do Google, a simples postagem de materiais como vídeos da internet, links para algum conteúdo, podem não ser uma estratégia simples para os professores de árabe, porque, certamente, vão se deparar com a realidade apontada pelas autoras. Assim, mais uma vez, lida-se com o desafio do ensino do árabe e busca-se recursos para a superação das dificuldades. Uma aula, por exemplo, de forma síncrona, usando como recurso ferramentas digitais como o ZOOM, o Meet, certamente exigirá do professor de árabe uma atenção para a pronúncia dos fonemas árabes; no caso de outras ferramentas, a adequação para os grafemas da língua; em relação ao material didático que o aluno possui, a de se considerar a dificuldade no trato com o inglês ou o francês, já que a aula assíncrona, em que ele estuda sozinho utilizando-se do material postado pelo professor, representa parte considerável da carga horária.

Essas considerações são importantes para justificar nosso desejo de romper com as barreiras para a pesquisa e o ensino de língua árabe e estimular outros estudiosos a somarem na tarefa de tornar esse idioma mais visível no campo dos estudos linguísticos no Brasil. Assim, desejamos apresentar uma correspondência entre a forma relativa árabe e uma das relativas do PB, considerando que as análises contrastivas são importantes nos estudos de língua árabe, já que se trata de idioma tão distante do português, uma língua semítica, de alfabeto não latino, cujo ensino é pouco difundido no Brasil, considerado as duas únicas Universidades que ofertam o curso, como já mencionado, e os poucos centros de línguas conhecidos; dificultando ainda mais os estudiosos brasileiros desse idioma. A influência na tradução da relativa árabe para a copiadora do português pode ser relacionada à perspectiva de Durão (1999), o qual estabelece que o interesse da linguística contrastiva recai nos efeitos que as diferenças e semelhanças existentes entre a estrutura da língua materna e da língua alvo produzem na aprendizagem da LE. Na construção de uma sentença relativa em árabe, o aluno terá

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

facilidade de usar a cópia? O fato de ele saber que na sua língua há as estruturas padrão e copiadora favorece a tradução do árabe para o português?

Ainda que, no Brasil, os estudos árabes sejam tão escassos e encontrem tantos obstáculos, é relevante também ressaltarmos a importância da língua árabe e sua abrangência, uma vez que, o idioma é falado em mais de 20 países, a literatura e cultura árabes são de grande interesse de estudos pois influenciaram outras culturas pelo mundo, ela é a língua litúrgica dos muçulmanos do mundo inteiro; e, isso também a coloca no grupo das línguas mais faladas em todo o mundo, com cerca de 350 milhões de falantes. Porém, por possuir um sistema alfabético diferente e uma cultura tão distante, essa língua ainda permanece um “mistério” para o mundo ocidental. Em modalidade ensinada, geralmente adota-se o Árabe Padrão Moderno, que emergiu por volta de fins do século XVIII “com o aumento da alfabetização, o conceito de educação universal, a criação do jornalismo, e exposição a práticas de escrita e estilos ocidentais, tais como editoriais, contos, peças de teatro e romances” (RYDING, 2005, p. 4).

Quando falamos da língua árabe e a relacionamos com o português, devemos tratar também das questões gramaticais, neste caso, considerando as construções relativas e abordando suas características de forma mais abrangente, a fim de contribuir com as reflexões acerca da tradução do árabe para o português.

2- Considerando as Relativas do Português

Para Matta (1999), as orações relativas podem ter um papel importante na comunicação, pois o conhecimento dessas formas pode ajudar os falantes a ampliar e adequar os diversos contextos comunicativos presentes na língua. A habilidade do uso esperado pela norma padrão das orações relativas pode revelar um domínio refinado das possibilidades e recursos presentes na língua e ainda auxiliar o desenvolvimento da língua escrita juntamente com a língua falada.

Para entendermos as orações relativas na língua é necessário compreendermos que elas são construções variadas; cada qual se apresenta em contextos diferentes, mais formais e menos formais. No português do Brasil (doravante PB), existem três construções relativas, com estrutura preposicionada ou não, sendo elas: (A) Relativa

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

Padrão, (B) Relativa Copiadora e (C) Relativa Cortadora. No entanto, a tradição gramatical prescreve uma oração relativa eleita a padrão – (A) a Relativa Padrão – e não reconhece as formas relativas que não “obedecem” à norma gramatical. Observe o exemplo a seguir:

1- “O nadador *a que me refiro* foi punido exemplarmente pela Comissão Disciplinar Esportiva.”.

Separando o período complexo em períodos simples obteríamos:

- 2- (i) O nadador foi punido exemplarmente pela Comissão Disciplinar
(ii) Refiro-me ao nadador.

Quando relacionamos o período complexo em (1) com os períodos simples em (2), atestamos que o período complexo representa uma forma mais “econômica” de expressão, pois evita o uso repetitivo do substantivo “nadador”. O pronome “que”, além de ter o papel de retomar uma determinada informação que já foi apresentada na frase, seu caráter anafórico, também tem a capacidade de desempenhar, dentro de uma oração (relativa), a função sintática desempenhada pela segunda aparição de “nadador” em (2). A preposição requerida pelo verbo pronominal “referir-se” está tanto em (1) quanto em 2-ii. Em (1), ela antecede o pronome relativizador “que” e, em (2), ela antecede o sintagma “nadador”.

Essa maneira de formação das orações relativas é a única aceita pelas gramáticas tradicionais como podemos ver em Cunha & Cintra (2008). Para a gramática tradicional, sempre devemos usar frases do tipo:

- A Comissão com que os nadadores contam é muito capaz.
- Os obstáculos contra os quais os nadadores lutam são muitos.
- O nadador por cuja volta ao time anseio partiu há duas semanas.

Nestas frases, sempre ocorre uma situação na qual uma preposição deve anteceder um pronome relativo por exigência do verbo da cláusula relativa do pronome – com, contra, por. (exigidas pela transitividade dos verbos *contam*, *lutam* e *anseio*). Trata-se de orações relativas de sintagma preposicionado. Na forma padrão, o pronome relativo executa três funções: (a) une a oração subordinada à principal; (b) retoma o seu antecedente dentro da oração relativa; e (c) executa um papel sintático dentro dessa oração subordinada; sendo assim, a relativa padrão de sintagma preposicionado é incomum nas estruturas sintáticas do Português Brasileiro, já que, nesse processo de

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

subordinação, a preposição exigida pelo verbo que figurará na oração relativa virá antecipada a ele, antecedendo o pronome relativo. Já as orações relativas de sintagma nominal, ou seja, aquelas cujos verbos da cláusula relativa não exigem preposição, não oferecem dificuldade aos falantes, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- 3- (i) A moça *que estuda na minha escola* é muito dedicada.
(ii) A moça *que vi na escola* é muito dedicada.

Em 3-i, temos a relativa padrão *que estuda na minha escola*, cujo relativo tem função de sujeito (a moça estuda na minha escola), uma estrutura não preposicionada; assim como em 3-ii, porém, com função de objeto direto (eu vi a moça).

Contudo, nesse caso das estruturas relativas de sintagma nominal ou de sintagma preposicionado, é possível que haja um “desvio” da forma considerada padrão com o acréscimo de uma estrutura de cópia cujo objetivo é repetir a informação do termo antecedente do pronome. Trata-se da (B) Relativa Copiadora. Essa relativa não padrão apresenta a presença de um pronome “cópia” na posição do complemento da informação relativizada. Nessa formação, o pronome serve apenas para unificar a oração subordinada à principal sem desempenhar qualquer função sintática, uma vez que o pronome cópia pode desempenhar esse papel. De acordo com Collishchonn (2003), essa formação é mal vista pelo atual modelo adotado nas escolas. Observe os exemplos (4) e (5):

- (4) O nadador *que eu gosto muito dele* atua na seleção brasileira.

Em (4), o papel do objeto indireto do verbo “gostar” é desempenhado por “dele”. Mesmo que essa forma seja “condenada” pelas muitas gramáticas tradicionais, ela confere ao português uma propriedade analítica, que não é vista no uso padrão, que é sintético (Bispo, 2014).

- (5) Marcos é um atleta *que ele acabou sofrendo uma lesão*.

Na frase (5), também acontece a separação das diversas partes do constituinte que concretiza a análise. O relativo não acumula funções porque ele só tem a função de união entre as sentenças; o constituinte que atua como sujeito é o pronome pessoal “ele”, uma cópia da informação que deveria ser expressa pelo pronome relativo, considerando seu caráter anafórico.

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

Com o objetivo de evitar a forma preposicionada de relativas padrão, os falantes da língua usam um processo de simplificação, gerando a terceira estratégia de relativização, (C) a Relativa Cortadora, que se caracteriza pelo “apagamento” das preposições que são exigidas pelos verbos, como pode ser visto abaixo:

(6) Esse é o nadador *que o time inteiro confia*.

Caso desmembrássemos o período, obteríamos os períodos simples:

(7) i – esse é o nadador.

ii – o time inteiro confia no nadador.

A preposição “em” é obrigatória entre o complemento “nadador” e o verbo “confiar”; assim, temos a forma “no” - contração de “em” com artigo “o”. Porém, essa preposição não é vista na relativa (6). De acordo com Bagno (2002), a estratégia relativa cortadora é a preferida pelos falantes do português brasileiro, e a razão para essa preferência é de natureza sociolinguística. Para não aparentar ser pedante na utilização da estratégia padrão, nem pouco instruído ao empregar a relativa copiadora, a qual está associada às modalidades de linguagem usadas pela população com baixo nível de escolaridade, os falantes do PB optam pelo uso da relativa cortadora. Há também uma motivação de natureza sintática para o emprego da relativa cortadora: o ouvinte ou o leitor é capaz de reconhecer a preposição que foi apagada, pois leva em consideração seu conhecimento de linguagem para compreender frases produzidas em sua língua materna e também para construí-las. Ele sabe que “quem confia, confia em alguém”; por isso, há a possibilidade de a preposição ser apagada na construção relativa.

Embora a tradição não reconheça as relativas não padrão, os estudos têm apontado para o aumento de uso dessas formas pelos falantes, como poderemos verificar na próxima seção. E essa questão é interessante para a presente pesquisa, em virtude da observação da tendência ao uso não padrão das relativas pelos estudantes de árabe na prática da tradução desse idioma para o português.

2.1- As relativas do PB nos estudos recentes

A gramática tradicional tem uma visão concreta em relação às estratégias relativas que sempre é reforçada por diversos escritores e estudiosos, porém, com o

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

passar do tempo e, nos momentos mais atuais, pesquisadores vem estudando essas formações e atestando mudanças que ora apresentamos.

Em um trabalho recente, Bispo (2014) levanta diversas questões sobre o porquê dessas mudanças. Para ele, é possível perceber que existe, de algum modo, um aspecto que gera motivação entre a forma e a função, de modo que a codificação linguística de determinadas estruturas se relaciona com as funções que elas desempenham e se relaciona diretamente aos propósitos que se quer alcançar na interação discursiva. Em seu trabalho, Bispo cita também algumas investigações acerca das estratégias de relativização, a exemplo do pioneiro trabalho de Mollica (1977), que viria, posteriormente, a ser ampliado e aperfeiçoado por Tarallo (1983), e de pesquisas ainda mais recentes como as de Correa (1998), Varejão (2006), Bispo (2009) e Silva (2005). Entretanto, para ele, ainda existem questões a serem tratadas, já que vários desses trabalhos analisam um aspecto do processo de relativização, em sua maioria em uma perspectiva variacionista. Com exceção de Tarallo (1983), segundo o autor, e também Silva (2011), como evidenciamos, não se tem notícia de outra investigação diacrônica acerca do processo de relativização.

A partir de algumas dessas ideias, podemos discutir, assim como Bispo, e até levantar algumas questões como: o que leva ao aumento da recorrência à construção da relativa cortadora? Que motivações de natureza pragmático-discursiva estariam envolvidas no uso de determinada estratégia de relativização? E, diretamente ligado a esta pesquisa, por que os estudantes de árabe, ao traduzirem desse idioma para o português, tendem a produzir relativas não padrão, em vez de a padrão, principalmente a copiadora?

As pessoas têm que se comunicar de forma rápida e de forma a que se entendam, então, por que utilizar outra forma que não a relativa cortadora? Uma vez que pode ser compreendida também como uma estrutura reduzida e muito mais fluída para a linguagem e muito mais próxima daquilo que pensamos, quando pensamos não só nisso, mas também em todo o desempenho cognitivo que nossas mentes têm que produzir para gerar a linguagem. Se analisarmos assim, essa seria uma forma simples e muito eficiente de tentarmos responder à questão de por que essa forma relativa vem ocorrendo com mais frequência. Ainda podemos trabalhar com a questão de como a gramática tradicional

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

“barra” determinados usos, já que para ela a forma que deveria ser adotada a todo momento seria a relativa padrão, e que quando a “escola tradicional” condena o uso da relativa cortadora está, de certo modo, limitando o desenvolvimento de diversas formas de linguagem e a criatividade que a língua tem para se “moldar”.

No trabalho de Patrick S. Mattos, Otávio Tadeu Alves e Paula Fernanda, sobre “Orações relativas: Uma reflexão sobre o uso dessas ferramentas no Ensino Médio”, os autores fizeram a análise de redações produzidas por candidatos ao vestibular de verão/2007 da UFPel. Após a leitura dos textos, eles procuraram analisar as orações relativas construídas pelos candidatos. Ao final das análises sobre o uso das relativas e aspectos presentes nelas, obtiveram alguns resultados e porcentagem atribuídas a eles: em 34 casos encontrados, 21(61,7%) eram relativas padrão, 13(38,3%) eram relativas cortadora, e nenhuma (0%) eram relativas copiadoras. Apesar dos resultados apontarem um maior percentual de formas padrão, os casos de relativas cortadoras revelam a necessidade de emprego maior do uso das outras formas relativas evidenciando a escolha dos alunos também por formas não padrão da língua. E, de certo modo, a ausência da relativa copiadora poderia evidenciar uma tentativa dos estudantes de evitarem estruturas ainda um tanto estigmatizadas.

Entretanto, em outras pesquisas, é possível observar uma forte tendência ao uso das relativas não padrão em relação à padrão, como mostra Bispo (2009) que verificou a vitória da cortadora nos níveis Fundamental, Médio e Superior de escolaridade, nos ambientes preposicionados.

Azeredo, ainda que em sua gramática Houaiss, faz referência a formas não padrão das relativas na fala espontânea, nas variedades mais populares da língua e na escrita de pessoas com baixo grau de escolaridade, com uso exclusivo da forma *que*. Trata-se, para o autor, de um uso já comum na escrita de crônicas jornalísticas e literatura, como a memorialística, conforme se observa no exemplo retirado do autor: “Há circunstâncias de vida que só quando passam nos perguntamos como foi possível conviver com elas. [Rosinha D. de Oliveira. O Globo, 2/7/2008]”.

Silva (2007) apresenta dados que evidenciam a recorrência da forma relativa copiadora e também das formas relativas cortadora e padrão em diferentes modalidades, os quais, em totalidade, evidenciem o maior percentual da forma copiadora em relação a

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

forma padrão e cortadora, a saber, os 3 dados de adjunto adnominal da amostra estudada pela autora, dos quais, 02, são relativas copiadoras e 01 é a padrão. Ou seja, trata-se de resultados que exibem a distribuição das formas relativas em termos das funções sintáticas exercidas pelo *que* relativo nos dados de modalidade falada e escrita. Os casos registrados de adjunto adverbial apresentam a vitória da cortadora (68%), como nos demais de sintagma preposicionado, mas destacamos 9% de casos de relativas copiadoras, uma estratégia que pode estar vencendo o estigma e passando a ser uma possibilidade de uso natural para os falantes.

A produtividade dessas formas nos interessa nos estudos sobre as relativas do árabe, porque a pesquisa tinha como pretensão investigar se haveria influência da forma árabe na tradução para o português, já que, como veremos na próxima seção, a relativa árabe apresenta uma estrutura de cópia em sua forma padrão de relativa; assim, também, investigar a tendência apontada no PB de uso da relativa cortadora, como uma forma possível para os falantes, construção em fase de suplantar a forma padrão de sintagma preposicionado, que poderia, então, ser um alvo da escolha dos estudantes na prática de tradução do árabe para o português.

3- As Relativas do Árabe e a Tradução para o Português

Nessa seção, apresentamos alguns fatores e observações sobre as relativas do árabe em relação às do português, considerando que o que é padrão do árabe é não padrão no português e os possíveis problemas de alunos para integrar as regras de tradução de uma língua para outra, além de propostas de amenização de problemas gerados através do contato das línguas.

3.1- A relativa copiadora Árabe: Uma tradução literal?

Diferente do português brasileiro, no qual o uso da cópia pode até demonstrar um esvaziamento semântico (SILVA, 2005), em árabe, a estratégia de uso da forma de relativização com uma estrutura de cópia retomando a informação do termo antecedente

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

tem um uso padrão que é normalmente adotado pelos falantes e por sua gramática que parece expressar uma necessidade discursiva como na seguinte frase:

Sentença árabe: Eles são os colegas que eu conheço *eles* do trabalho.

Tradução: *Eles são os colegas que conheço do trabalho.*

Segundo Cowan (2007; p. 79) “se o sujeito de uma oração subordinada de relativo é distinto do nome ou do pronome a que se refere, há de se remeter de novo ao relativo por meio de um pronome pessoal” e essa retomada é claramente uma estrutura similar as formas de cópias nas relativas do português. Assim, no exemplo acima, “que eu conheço eles do trabalho”, a forma *eles* retoma os *colegas*, na perspectiva da gramática árabe, a fim de que a informação da oração principal os *colegas* fique clara na cláusula relativa.

Quando observamos cuidadosamente a estratégia padrão e como as formas relativas de cada língua se formam, podemos perceber uma relação inversa entre o português e o árabe, já que a forma relativa copiadora do português “foge” da regra padrão segundo a gramática tradicional, enquanto a estratégia de cópia em árabe é a forma padrão adotada na língua. Observe as orações relativas copiadoras, a seguir, retiradas de Silva (2017; p.20):

- Os meninos *que vi eles* devem fazer o trabalho
- Os meninos *que gosto deles* devem fazer o trabalho

Os pronomes *eles* e *deles* são cópias que retomam os meninos nas duas orações, respectivamente. Em comparação com a oração árabe, a seguir, também de Silva (2017), observamos a forma *hu* (ele), destacada, que corresponde ao referente o *amigo* (As-sadi:q):

Mahmud hwa aS-Sadi:q *al-ladhi: atakallam ma'hu* ‘an kul shay’

Sentença árabe: Mahmud é o amigo *que eu falo com ele* sobre todas as coisas.

Tradução: *Mahmud é o amigo com quem eu falo sobre todas as coisas.*

Considerando as estratégias de relativização e os dados apresentados acima, é possível acreditar na influência da cópia árabe na tradução que os aprendizes brasileiros de árabe realizam para o português. Observando que só no árabe essa repetição é gramatical e que, no português, é uma construção não padrão, caberá, como aponta Silva

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

(2017), uma reflexão por parte do aluno brasileiro, estudante do árabe que aprende essa língua como LE, pois, se a cópia for reproduzida na tradução, devido à influência da construção árabe, o aluno estará produzindo uma relativa copiadora. E a reflexão é: com consciência ou não?

Uma possível estratégia de amenização para os problemas de tradução e aprendizagem dos estudos das relativas poderia se dar pelo ensino mais aprofundado das relativas copiadoras do português como forma de comparação, mas também das relativas cortadoras e padrão, juntamente com a estratégia copiadora árabe, assim tentando amenizar alguns possíveis problemas que estas semelhanças possam vir a gerar durante o ensino e a aquisição da língua.

3.2- A tradução da relativa árabe para o português

O trabalho foi realizado a partir da observação do uso das formas de relativização por estudantes de árabe como língua estrangeira, isto é, alunos brasileiros estudantes de língua árabe que poderiam sofrer a influência da cópia da relativa do português na tradução de uma forma relativa do árabe, ou serem influenciados pela cópia árabe numa tradução literal para o português, neste caso, necessariamente, para a relativa copiadora. Como já mencionado, alunos da Graduação de Letras Português-Árabe, durante o curso de Árabe VI, ou seja, sexto período, cuja ementa abordava os “Pronomes Relativos” do árabe.

A pesquisa foi de cunho qualitativo e resultou de uma observação de aula da tendência a traduções com estruturas relativas de cópia. Os estudantes observados são de uma turma pequena, e nem todas as frases da atividade apresentavam a possibilidade do uso da cópia, por isso, os dados que ora analisamos são poucos; porém, consideramos elucidativos da tendência observada.

Realizamos um teste, como mencionado, que constituiu em um exercício de acrescentar o pronome relativo nas sentenças e, em seguida, traduzi-las. Apresentamos, para este trabalho, três das sete sentenças e as traduções dos estudantes:

- (1) Sentença árabe: Esta é a casa que eu nasci nela.
Tradução: *Esta é a casa onde/em que eu nasci.* (relativa padrão)
Estudante A- Esta é a casa onde ela nasceu

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

- Estudante B- Esta é a casa que nasci nela
- Estudante C- Esta é a casa que nasci
- Estudante D- Esta é a casa, a qual nasci nela
- Estudante E- Esta é a casa onde eu nasci
- Estudante F- Esta é a casa onde eu nasci

Como se pode observar, 03 estudantes produziram a forma padrão "Esta é a casa onde eu nasci". O estudante "C" produziu uma sentença cortadora e os estudantes "B" e "D", as copiadoras "Esta é a casa que nasci nela" e "Esta é a casa, a qual nasci nela". Na perspectiva da forma padrão, as formas cortadoras e copiadoras poderiam ser vistas como inadequações que são presentes em exercícios executados por alunos, assim como nos dados de Silva (2017), cujos exercícios de relativas aplicados a alunos árabes do curso Graduação em Português, evidenciavam "inadequações" que apontavam para a influência da L1, o árabe, nas construções da língua alvo, o português, no caso deles. No caso da presente pesquisa, buscávamos entender porque as relativas não padrão surgiam como respostas de exercícios de tradução dos alunos que traduziam do árabe para o português.

(2) Sentença árabe: A biblioteca é o lugar que vamos para ele para estudar.

Tradução: *A biblioteca é o lugar para onde/para o qual vamos para estudar.*
(relativa padrão)

- Estudante A- A biblioteca local o qual nós vamos para estudar.
- Estudante B- A biblioteca é o lugar onde vamos para estudar.
- Estudante C- A biblioteca é o lugar que nós vamos para estudar.
- Estudante D- A biblioteca lugar, o qual nós vamos para estudar.
- Estudante E- A biblioteca é o lugar que nós vamos para estudar.
- Estudante F- A biblioteca é o lugar onde vamos para estudar.

No caso da sentença 2, observamos que 02 estudantes produziram a forma "A biblioteca é o lugar onde vamos para estudar"; mesmo sem considerar a marcação de movimento (vamos "para", vamos "a"), usaram o *onde*, talvez para expressar "em que vamos". Mas, o que nos chamou mais a atenção, foram os demais estudantes que não marcaram preposição, ou seja, produziram uma forma cortadora (lugar que nós vamos); principalmente, os estudantes "A" e "D" que produziram a cortadora "A biblioteca local o qual nós vamos para estudar", já que usaram a forma relativa *o qual*, que, segundo os estudos, é mais incomum na produção da relativa cortadora (SILVA,2007).

(3) Sentença árabe: Onde está a revista que li nela o artigo.

Tradução: Onde está a revista onde/em que/na qual li o artigo. (relativa padrão)

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

- Estudante A- Onde está a revista que leu para você o artigo.
Estudante B- Onde está a revista que li nela o artigo.
Estudante C- Onde está a revista em que li o artigo.
Estudante D- Onde está a revista a qual você leu nela (aquele) artigo.
Estudante E- Onde está a revista que li aquele artigo.
Estudante F- Onde está a revista em que você leu aquele artigo.

Por fim, na sentença 3, podemos observar que os estudantes C e F produziram formas padrão marcando a preposição *em*, mesmo com alguns equívocos na tradução. Os estudantes B e D produziram formas copiadoras, nas quais a preposição figura como uma estrutura de cópia, “nela”. Os estudantes A e E “cortaram” a preposição *em*, produzindo uma oração relativa cortadora. Ou seja, houve um equilíbrio de escolhas das construções relativas pelos seis estudantes, 2 de cada.

A tabela, a seguir, de Silva (2007), representa as funções em que o relativizador ocorre como sintagma preposicionado para a análise do comportamento das formas cortadoras.

		Copiadora	Cortadora	Padrão	Total
Relativizador como Sintagma Preposicionado)	Adjunto Adverbial	9/259	176/259	74/259	259/310
		3%	68%	29%	84%
	Complemento Relativo	1/45	41/45	3/45	45/310
		2%	91%	7%	14%
-----	Complemento Nominal	0/3	3/3	0/3	3/310
		0%	100%	0%	1%
-----	Adjunto Adnominal	2/3	0/3	1/3	3/310
		67%	0%	33%	1%
-----	Total	12/310	220/310	78/310	310/310
		4%	71%	25%	100%

Tabela 4: Distribuição das estratégias das demais funções sintáticas na fala e escrita

Retirado de Silva (2007)

Dos 310 dados de sintagma preposicionado apresentados pela autora, houve a seguinte distribuição pelas funções sintáticas encontradas na amostra: 220 ocorrências da estratégia cortadora (71%), 78 ocorrências da forma canônica ou padrão (25%) e 12 da copiadora (4%). Silva conclui que na comparação entre as três estratégias de relativização, em ambiente favorável à presença da preposição, se torna notável a preferência do falante pela estratégia não-padrão: 71% dos dados são da estratégia cortadora.

Os exemplos da pesquisa nos levaram a questionar o porquê da significativa representatividade da copiadora como forma de escolha de relativa nos exercícios dos

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

estudantes de árabe, já que os dados das pesquisas em geral, inclusive Silva (2005, 2007), apontam sempre para a preferência das relativas cortadoras pelos falantes e a sua vitória nos dados de sintagma preposicionado (BISPO, 2009). Como vimos, a copiadora não é categórica, porém, foi a opção de uso de alguns estudantes, de curso superior em Letras, em atividades formais. Considerando que a tendência de uso dos falantes do PB, entre a cortadora e copiadora, é a relativa cortadora, os dados de cópia podem ter relação com a cópia do árabe, numa tendência desses estudantes a traduzir de forma literal as cópias desse idioma. Assim, a estrutura *Onde está a revista que li o artigo*, segundo os estudos, é a preferida pelos falantes; porém, a forma relativa *Onde está a revista que li nela o artigo* e *Esta é a casa que nasci nela*, por serem a tradução literal da relativa árabe, representam também uma estrutura de escolha dos estudantes que traduzem literalmente e analisam o resultado final como possível e legítimo na língua de chegada, o português.

Considerações Finais

Esse estudo nos levou a concluir que é possível que, na prática da tradução, os alunos brasileiros estudantes do árabe sofram a influência da relativa árabe na construção da estrutura relativa do português, fruto da tradução, já que era de se esperar, de acordo com os estudos recentes sobre as estratégias de relativização, que os estudantes produzissem, em ambientes preposicionados, uma relativa cortadora, ou seja, com, simplesmente, corte da preposição, não uma forma com expressão da cópia do antecedente dentro da cláusula relativa. Entendemos que a tendência a copiar e não cortar simplesmente é influência da cópia da relativa do árabe numa tradução literal. Por isso, o ensino dessas estruturas aos discentes precisa se dá com reflexões profundas sobre o sistema de relativização do PB e da escolha da variedade padrão na prática da tradução em ambiente formal.

Diante disso, podemos concluir que ainda há espaço para mais pesquisas nesse campo e que a possibilidade de estudos mais aprofundados nessa área pode nos ajudar a compreender melhor a língua árabe e, de certo modo, aproximar esses conhecimentos da nossa sociedade em geral. Podemos pensar também que trabalhos como este podem trazer luz aos estudos árabes na universidade, já que, poderiam estimular o

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

desenvolvimento da tradução de língua árabe e ajudar os estudantes a produzirem traduções com mais proficiência diminuindo a possibilidade de equívocos em futuros trabalhos de tradução; e, por fim, tornar essa língua mais acessível, conhecida, na tentativa de desvendar os mistérios que perpassam o Expresso do Oriente.

Referências:

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2010, Houaiss/PUBLIFOLHA; 3ª Ed, redigida de acordo com a nova ortografia.

BISPO, Edvaldo Balduino. **Sintaxe das línguas brasileiras**. Volume 18/1, 2014. (UFRN)

BISPO, Edvaldo Balduino. **Estratégias de relativização no Português do Brasil: o saco da cortadora**. Tese de Doutorado, 2009, UFRN.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. Loyola: São Paulo, 2002, 15 ed.

COLLISCHONN, Gisela. **O uso de construções relativas em textos dissertativos do cv/2003: algumas reflexões**. In Redação Instrumental. Porto Alegre: UFRGSCOPERSE, 2003.

COWAN, David. (2007) **Gramática do árabe Moderno**. Tradução de Safa A.A.C. Jubran. Globo, São Paulo.

CUNHA e CINTRA. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, 2008.

DURÃO, A. B. de A. B. **Análisis de errores e interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de português**. Londrina: Editora UEL, 1999.

MATTOS, S. Patrick; ALVES, Otávio Tadeu; FERNANDA, Paula. **Orações Relativas: Uma Reflexão Sobre o Uso Dessas Ferramentas no Ensino Médio 2016**.

MATTA, Sozângela Shemin. **Um estudo sobre a compreensão de orações relativas com crianças em idade escolar**, 1999.

PERRONI, Maria Cecília **As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro**, DELTA vol.17 no.1 São Paulo: 2001.

SILVA, Bianca Graziela S. Gomes / LOPES, Célia Regina dos Santos/CNPq - **O papel da frequência na gramaticalização do que: análise das estratégias de relativização no português do Brasil**. Veredas *on line* – atemática – 1/2007, p. 80-100 – ppg linguística/ufjf – Juiz de Fora.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. **O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do que**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Faculdade de Letras. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. **As estratégias de relativização na escrita de portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Faculdade de Letras. Mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. **Ensino da relativa padrão do Português Brasileiro para falantes de árabe.** Domínios de Linguagem | Uberlândia | vol. 11 n.1 | jan/mar. 2017, p. 17-33 ISSN 1980-5799

SILVA & PRADO, Bianca, G. S.G; Lídia Oliveira do. **Problemas de aprendizagem na língua árabe: um estudo de tendências.** Revista Língua e Ensino: Comemoração dos 30 anos do CLAC, Rio de Janeiro, 2018; vol. 2: p.104-115.

SILVA, Rejane Matias Gomes **A gramática invisível - o caso das orações relativas,** Brasília 2007.

RYDING, Karin C. **A Reference Grammar of modern standard arabic** 2005.

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. **Apontamentos para uma edição semidiplomática em aljamia portuguesa.** Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

Como citar este artigo (ABNT)

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G. **O caso das relativas do Português e do Árabe: Um estudo sobre ensino da Língua Árabe.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 4, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

MOREIRA, M. M.; SILVA, B. G. S. G. (2020). **O caso das relativas do Português e do Árabe: Um estudo sobre ensino da Língua Árabe.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

